

Aula 20

A CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO

META

Demonstrar o processo de formação das vilas brasileiras, confrontando com o da América espanhola. Ênfase na cidade histórica de São Cristóvão (SE).

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
explicar como se deu a construção e desenvolvimento das primeiras povoações no Brasil, principalmente no Nordeste;
explicar como se deu a construção da cidade de São Cristóvão, dentro desse conceito de povoamento da América portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das duas últimas aulas.

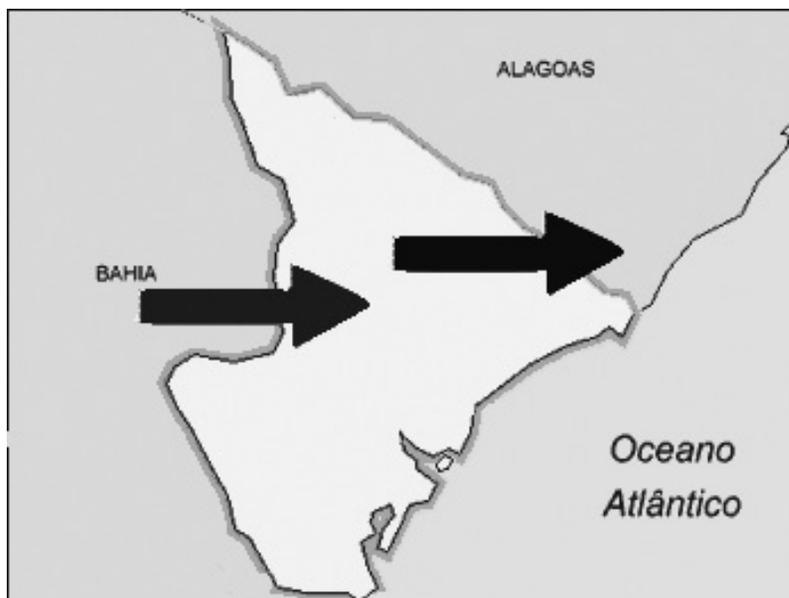
Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: com esta aula chegamos ao fim da disciplina. Foi ótima esta nossa convivência, mesmo à distância, e espero, sinceramente, que você tenha assimilado o conteúdo das nossas lições. Vamos prosseguir?

No término da guerra, Cristóvão de Barros estava na incumbência de fundar um novo núcleo de povoamento, que chamou depois de São Cristóvão.

Por que as intenções de criar um novo povoamento? Quais as funções próprias de São Cristóvão? Seria um núcleo de povoamento inexpressivo, pouco habitado, servindo como entreposto entre a região produtora e a metrópole? Você viu, em aulas passadas, que vários historiadores consideravam o nosso território apenas como um elo entre os estados de Pernambuco e Bahia. O que você acha disso? Acompanhe a aula!



Sergipe, Bahia e Alagoas (Fonte:<http://www.str.com.br>).

OS ANÔNIMOS

Você já entendeu por que optamos em escrever a História de Sergipe a partir dos índios? Fizemos uma opção pelos anônimos da História, com o olhar no mundo em que vivemos. Sabe o que significa isto?

Muito bem! O nosso mundo contemporâneo precisa muito mais de homens e mulheres que se identifiquem como atores da sua própria história. Isso é mais importante do que mesmo o entendimento de que somente um, o herói, é que muda os rumos do mundo. Lembrou agora da terceira lição?

Pensamos que ainda é importante saber que podemos mudar o mundo.

A destruição da natureza é sempre um exemplo que me vem à mente quando pensamos nas mudanças que queremos. A preservação do nosso ecossistema exige uma luta cotidiana de todos nós e não somente de um só indivíduo.

Os preconceitos e a intolerância são outros exemplos de problemas que nos afligem. Acredito que o mundo seria melhor se começássemos coletivamente a respeitar as diferenças. Apoiamos o respeito às mulheres, aos negros, aos homossexuais, aos índios e a tantas outras “minorias sociais”.

São muitas as questões que nos afligem no mundo de hoje e que necessitam de ações coletivas, de mudanças de mentalidades e de atitudes.

A escolha dos “sujeitos da história” não é uma decisão aleatória do historiador. Ele baseia-se nas reflexões teórico-metodológicas. Nenhum historiador profissional pode se ausentar da leitura de textos de teoria, metodologia e, sobretudo, dos clássicos da historiografia.

Ler, e reler, os clássicos é fator fundamental para discutirmos, por exemplo, a temática dos núcleos de povoamento no Brasil no período colonial.

E é esta tarefa que nos cabe realizar agora, nesta lição. Vejamos como alguns autores clássicos da historiografia brasileira perceberam o surgimento dos núcleos de povoados no período colonial e, sobretudo, quais as funções das cidades e vilas para o sistema colonial. Esta reflexão nos levará a indagarmos sobre o surgimento de São Cristóvão e sua funcionalidade como sede administrativa da capitania logo após a conquista violenta de Cristóvão de Barros.

COMO AS CIDADES E VILAS FORAM CONCEBIDAS PELA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA?

Esquematizamos abaixo alguns tópicos que representam enfoques sobre os núcleos de povoamento que predominaram na historiografia brasileira durante muito tempo.

1. Apêndice do engenho;
2. Parasita, vivendo da produção agrícola do campo;
3. Meio caminho entre os engenhos e os centros europeus de comercialização do açúcar;

4. Mero aparelho administrativo;
5. Um habitat de burocratas, uns poucos artesãos e muitos desocupados.
6. Um local de marasmo.

O único momento em que as vilas recebiam gente – segundo esses enfoques - ocorria na época da moagem da cana, quando os senhores-de-engenho se mudavam para as vilas, com os familiares e a criadagem.

Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, João Ribeiro, Thales Azevedo, por exemplo, pensaram o espaço urbano colonial numa relação de dependência com o campo, e afirmavam que os portugueses ficaram mais “arranhando no litoral”, diferenciando-se dos espanhóis que adentraram pelo interior

e fundaram vilas bem planejadas. Os núcleos de povoamento da América espanhola são vistos ao contrário das vilas do litoral nordestino do Brasil.

Segundo Raminelli, esses historiadores deram contribuições valiosas para as pesquisas destinadas a pensar o espaço urbano colonial. “No entanto, os estudiosos mencionados conceberam-no apenas segundo o enfoque econômico...”

Sérgio Buarque de Holanda, em *O semeador e o ladrilhador*, enxergou a dominação portuguesa, acentuada na vida rural, com ausência de um controle maior sobre a colônia. Em outras palavras, Holanda refere-se à cidade portuguesa num total desleixo, sem ser planejada.

PARTE DO TEXTO “O SEMEADOR E O LADRILHADOR”

“Essa primazia acentuada da vida rural concorda bem com o espírito da dominação portuguesa, que renunciou a trazer normas imperativas e absolutas, que cedeu todas as vezes em que as conveniências imediatas aconselharam a ceder, que cuidou menos em construir, planejar ou plantar alicerces, do que em feitorizar uma riqueza fácil e quase ao alcance da mão.



Vila de português no Brasil Colônia (Fonte: <http://www.brasilecola.com>).

(...)

... a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas, mediante a criação de grandes núcleos de

povoação estáveis e bem ordenados. Um zelo minucioso e previdente dirigiu a fundação das cidades espanholas na América.

(...)

Os grandes centros de povoação que edificaram os espanhóis no Novo Mundo estão situados precisamente nesses lugares onde a altitude permite aos europeus, mesmo na zona tórrida, desfrutar um clima semelhante ao que lhes é habitual em seu país. Ao contrário da colonização portuguesa, que foi antes de tudo litorânea e tropical, a castelhana parece fugir deliberadamente da marinha, preferindo as terras do interior e os planaltos. (grifo nosso) Existem, aliás, nas ordenanças para descobrimento e povoação, recomendações explícitas nesse sentido. Não se escolham, diz o legislador, sítios para povoação em lugares marítimos, devido ao perigo que há neles de corsários e por não serem tão saudáveis, e porque a gente desses lugares não se aplica em lavrar e em cultivar a terra, nem se formam tão bem os costumes.

(...)

A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma providência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra ‘desleixo’...”

A palavra “desleixo”, vale repetir, revela o descuido dos portugueses pelos núcleos de povoamento na América portuguesa, segundo Holanda.

Mas, seria correto afirmar que a Coroa portuguesa não planejava a criação de seus núcleos de povoamento? Que as vilas eram meio caminho entre os engenhos e os centros europeus que comercializavam o açúcar? Que esses núcleos eram abandonados, morando somente burocratas?

Vamos ver abaixo um exemplo de povoamento que nos faz repensar as certezas ditas acima da historiografia clássica.

OUTRAS FUNÇÕES DA VILA

Que a vila era improdutiva e secundária na economia colonial, não restam dúvidas. No entanto, nada impede de percebermos outras vocações dos núcleos de povoamento, como suas contribuições ao avanço das fronteiras da cristandade, por exemplo.

Raminelli, analisando uma pequena vila no sertão da Paraíba, denominada Filipéia, ficou admirado em saber que ela, no início do século XVII, possuía conventos das ordens de Nossa Senhora do Carmo, de São Francisco e moradias pertencentes à ordem beneditina. Havia ainda a Santa

Casa de Misericórdia, uma igreja matriz, talvez dedicada a Nossa Senhora das Neves, e as Casas da Câmara. “Após observar o mapa da Capitania da Paraíba, desenhado por João Teixeira Albernaz – escreveu Raminelli –”Pensei qual seria a razão para se levantar tantas construções em uma vila do interior”.

Levemos tal questionamento de Raminelli diante dos documentos sobre São Cristóvão, ou nós mesmos visitemos essa antiga capital de Sergipe, fundada logo após a vitória de Cristóvão de Barros.

Perguntaríamos de igual maneira, por que tantas igrejas? Igreja da Matriz, situada na Praça Getúlio Vargas; Igreja de São Francisco, situada na praça São Francisco; Nossa Senhora do Carmo, situada na Rua Rosário; Nossa Senhora do Amparo, situada na antiga rua das flores; capela dos capuchinhos, situada na Rua Prof. José A. Cardoso; conventos: Carmelitas descalços, no largo do Carmo; Franciscanos e Capuchinhos, na Praça São Franciscanos, e outros prédios, como a Casa de Misericórdia, da Câmara, Cadeia?

As teses clássicas sobre o núcleo de povoamento não correspondiam à realidade que Raminelli examinou. “Se o espaço urbano era um mero entreposto” – continuou Raminelli – “por que Felipéia, localizada a léguas de Olinda, abrigaria tantas ordens religiosas?”



Igreja de São Cristóvão(Fonte:[http:// mdemulher.abril.com.br](http://mdemulher.abril.com.br)).

Fariamos a mesma pergunta para São Cristóvão?

Por que tantas igrejas, conventos e logradouros públicos?

Pelo que vimos acima, Raminelli encontra outra função para os núcleos de povoamento do período colonial no Brasil: contribuição ao avanço das fronteiras da cristandade.

Para entendermos melhor essa outra função dos núcleos de povoamento, citaremos abaixo parte do texto Simbolismo do espaço urbano colonial,

do referido autor. Perceba que ele faz também a comparação entre a América espanhola e portuguesa como fez Holanda. Todavia, atente para a diferença do enfoque.

“A América espanhola possuiu no período colonial uma vida urbana intensa. Desde o início da colonização, a cidade foi concebida como corte, local apropriado para o encontro de espanhóis abastados com intuito de preservar os laços e as tradições ibéricas. Nas urbes, se exercitavam os requintes próprios de uma casta enobrecida, destacando concomitantemente as diferenças entre nobres e plebeus, ou entre ricos arrogantes e homens miseráveis. Os intelectuais também freqüentavam o grupo seletivo; muitos deles eram provenientes do clero. Aficionados às letras e às discussões acadêmicas, reivindicavam “a melhor tradição da aristocracia intelectual”. Jose Luis Romero comenta que nos saraus e festas a classe fidalga se confraternizava, ali “se encontraban los elegidos, se ejercitaban las delicadas artes de la cortesía y la etiqueta, se coqueteaban y se hablaba de poesía; y además se bailaba y se cantaba, en un ambiente refinado e elegante”. Entre 1580 e 1630, havia na América espanhola cinco universidades, sendo as principais localizadas na cidade do México e Lima. Tais práticas e instituições p e r m a n e c e r a m desconhecidas por muitos séculos dos colonos da América portuguesa. Desse modo, se compararmos a



Saraus no Brasil colônia D. João ouvindo o padre José Maurício ao cravo/ óleo sobre madeira Henrique Bernardelli/s.d(Fonte: [http:// www.museuhistoriconacional.com.br](http://www.museuhistoriconacional.com.br)).

vida urbana dos domínios espanhóis com as vilas da costa nordestina do Brasil, constataremos a precariedade dos espaços urbanos coloniais portugueses localizados nessas paragens. No entanto, nada impede que se recorra aos estudos sobre o espaço urbano da América espanhola para se entender a nossa realidade colonial. Pois, apesar das diferenças, as Américas foram guiadas por tradições culturais semelhantes: no Novo Mundo, a espada e a cruz uniram em favor da colonização, o Estado e a Igreja lutaram para criar novos espaços para a cristandade.”

Percebeu que ele aponta as diferenças das cidades no nordeste do Brasil para as da América espanhola, e nos indica que existem tradições culturais semelhantes? Diz o autor que a “cruz e a espada” fizeram parte

dos colonizadores espanhóis e portugueses na América. Todos eles queriam expandir a cristandade.

Em outra parte desse mesmo texto, Raminelli chama-nos a atenção para outra função dos núcleos de povoamento no período colonial. Observe quando ele aponta para a função política da vila fundada pelo colonizador.

“Comumente, essas vilas não nasciam ao acaso, originando-se dos decretos, ordens e vontades dos representantes régios. Os núcleos urbanos eram construídos logo após a pacificação das áreas conquistadas. Um grupo de artesãos se deslocava para o sítio escolhido e dava início as primeiras moradias, aos prédios da Câmara e a igreja. (...) O mesmo fenômeno se repete entre as cidades da América espanhola. Para José Luis Romero a fundação de um espaço urbano era um ato político, fruto de um processo externo. (...) A fundação de uma cidade era acompanhada por gestos simbólicos que ressaltavam a relação entre o ato e a conquista da terra por intermédio das armas. (...) Após a fundação do espaço urbano, o mesmo era guarnecido de edificações religiosas, fortalezas e prédios da administração, sem contar com o casario dos cidadãos.

(...)

A cidade-fortaleza foi a primeira experiência hispano-americana. No interior das muralhas, homens guerreiros se refugiavam dos ataques indígenas e empreendiam guerras de conquistas territoriais. Salvador e muitas vilas da costa nordestina cresceram em detrimento dos nativos que ocupavam seus arredores. A sede da Colônia, em princípio, fora cercada com uma paliçada que servia de abrigo aos colonos. Depois de alguns anos, a paliçada se transformou em uma muralha composta de madeira e barro, protegendo a cidade por décadas. (...). Desse modo, pouco a pouco a cidade cresceu e as áreas agrícolas se multiplicaram, transformando o recôncavo em grande produtor de açúcar. O mesmo ocorreu em Olinda. Os pernambucanos empreenderam desde cedo perseguições aos indígenas; o ponto máximo dessa guerra se deu na Paraíba, local onde os potiguares se uniram aos franceses, oferecendo resistências à colonização portuguesa. Frei Vicente do Salvador relatou que as expedições comandadas por Frutuoso Barbosa se originaram da sede da Capitania de Pernambuco, demonstrando mais uma vez que o espaço urbano era primordial para a pacificação dos territórios dominados pelos índios hostis e para o aumento das áreas dedicadas à agricultura. Nesse sentido, as vilas coloniais representavam o ponto de partida da colonização e centro nevrálgico para a consolidação do território português no além-mar.

(...)

O crescimento das vilas, a multiplicação de prédios e moradias, somadas à edificação de engenhos e aumento dos canaviais, certamente, ofereciam aos nativos algum tipo de temor, pois

demonstravam a capacidade de transformação do homem branco e a fragilidade dos recursos e armas de guerra manipuladas pelos antigos “donos da terra”.

Por conseguinte, as áreas urbanas constituíam verdadeiros núcleos de colonização, centros de onde partiam as expedições dedicadas a “pacificar” territórios virgens.

(..) o controle dos centros urbanos transformava-se em um fator fundamental para o domínio das áreas produtoras. O apoio logístico dos estrangeiros se encontrava, então, nas vilas e não nos engenhos. A partir dessa constatação tornam-se óbvios os motivos que levaram os portugueses a construir vilas e cidades em colinas, cercando-as com fortes e muralhas defensivas.

Por motivos estratégicos, os espaços urbanos criados pelos portugueses se localizavam freqüentemente em colinas e próximo ao mar; outras vezes, se encontravam no sertão, às margens de um rio navegável. O objetivo dos colonizadores era criar uma cidadela protegida dos ataques extremos e, ao mesmo tempo, contar com as facilidades de circulação oferecidas pelos transportes marítimos e fluviais”

(...)

A força simbólica da cidade colonial era um dos esteios da dominação portuguesa. Por intermédio dos vereadores, almotacéis, juízes e ouvidores, a Coroa portuguesa ou luso-espanhola mantinha em ordem a vida dos colonos. Qualquer desavença ou dissensão surgida entre os habitantes era encaminhada às autoridades locais residentes nas vilas.

(...)

Outra função do espaço urbano era neutralizar os desmandos perpetrados pelos senhores de engenhos e ricos plantadores. A vila então representava os limites dos poderes locais, pois as instituições urbanas eram as porta-vozes do monarca, do Estado luso-espanhol. “Quando os colonos, isolados e perdidos nas distâncias, ameaçavam ruralizar e extremar-se no localismo, a fundação da vila serve para lembrar a autoridade da Coroa, empenhada em substituir a força dos patriarcas pela justiça régia”.

(...) As vilas e suas instituições eram por conseguinte o lugar das autoridades régias e verdadeiras vitrines do poder metropolitano. (...) Os centros urbanos além de contarem com os juízes das varas vermelhas e brancas, possuíam o pelourinho. O mesmo era instrumento e sím-bolo de autoridade. Sua função era servir como local para se castigar os desobe-dientes e criminosos.



Centro de São Cristóvão (Fonte: [http:// www.rbmturismo.com.br](http://www.rbmturismo.com.br)).

(...)

O empreendimento colonizador e a cristianização obtiveram algumas vitórias graças às regalias oferecidas pelos núcleos de povoamento. Do contrário, seria praticamente inviável governar e ordenar a vida cotidiana; como administrar um território inóspito e desconhecido sem o apoio de núcleos centralizadores? Contudo, no espaço urbano, não residiam apenas a burocracia e o clero; os colonos também aí se reuniam, seja nas igrejas ou nas festas organizadas pela Câmara e pelos religiosos. Em outras ocasiões certamente se deslocavam para as vilas a fim de resolver questões burocráticas ou alguns problemas pendentes, adquirir mercadorias ou executar transações comerciais, ou ainda participar da vida política da capitania, pois no espaço urbano eram travadas as disputas entre os donos do poder”.

O texto acima possivelmente levou você a associar que o que ocorreu no Recôncavo, na Paraíba, possui semelhanças com o que aconteceu no Rio Real, na conquista de Cristóvão de Barros. A necessidade de o colonizador construir um núcleo de povoamento tinha a ver com o projeto do governo de manter o domínio na área.



Pelourinho (Fonte: [http:// topazio1950.blogs.sapo.pt](http://topazio1950.blogs.sapo.pt)).

O autor também aponta outra função dos núcleos de povoamento na colônia. Diz o autor que na vila o governo real poderia diminuir os desmandos perpetrados pelos senhores de terra.

Você observou que o pelourinho e a casa da força tinham um papel fundamental como símbolos de poder da coroa na região? Todos os núcleos de povoamento possuíam seu pelourinho e casa de força. São Cristóvão não era diferente.

E o que é interessante, por fim, observar no texto acima, é como Raminelli igualmente aponta a dinâmica no núcleo de povoamento, sem ser somente um espaço para resolver questões burocráticas.

Essas discussões continuarão nas atividades práticas que fazem parte da finalização desta aula e do curso “Temas de História de Sergipe I”.



ATIVIDADES

1. Visita guiada a São Cristóvão – será uma atividade prática fazendo com que você perceba no local as diversas funções dessa cidade no período colonial;
2. Leitura e discussão do texto de Nunes A vida urbana na capitania de Sergipe d' Rey – A cidade de São Cristóvão. no livro: Sergipe Colonial II, páginas 170-176, comparando com a nova abordagem apresentada acima. (A autora segue a mesma perspectiva da historiografia clássica).

CONCLUSÃO

Nesta última aula nós vimos como se deu a formação dos primeiros povoados no Brasil. Evidentemente nos detivemos mais na análise da região Nordeste, com ênfase no Estado de Sergipe, por se tratar de tema do interesse desta disciplina curricular. Considerando-se que São Cristóvão é o núcleo populacional mais representativo da época dos primeiros habitantes, demonstramos que o método, ou modelo, de colonização foi semelhante ao utilizado em toda a América portuguesa.



RESUMO

Caro aluno ou querida aluna: vimos no início desta aula como os valores éticos precisam ser preservados, particularmente quando se trata de respeitar as diferenças. Tratamos disso porque a função do professor não é apenas de informar, mas, acima de tudo, de formar cidadão. Depois, vimos como as vilas e cidades foram concebidas pela historiografia clássica, mencionando a visão de figuras respeitáveis da nossa história. Seguindo com o estudo, percebemos as diferenças pontuais entre o modelo utilizado pelos colonizadores espanhóis e os portugueses na formação dos povoados. Apresentamos textos originais de diversos autores para que ficasse bem entendido como foi diferente a ocupação do Nordeste do Brasil. Tudo era feito para que houvesse o efetivo domínio da coroa portuguesa sobre a área conquistada, caracterizado pelo pelourinho e a casa da força. Esse poder do rei manifesto nas vilas servia, também, para impor sua autoridade sobre os poderosos senhores de engenho da região.

REFERÊNCIAS

- NOLANDA, Sérgio Buarque de. o semeador e o ladrilhador. In: **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- RAMINELLI, Ronald. Simbolismo do espaço urbano colonial. In:
NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial I**. 2 ed. São Cristóvão: Editora da UFS/Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.